

**NARRATIVAS DAS MEMÓRIAS DO MUNDO
DO TRABALHO NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL:
DA INVISIBILIDADE AO DESTAQUE**

Shirlene Bemfica de Oliveira (IFMG Ouro Preto)
shirlene.o@ifmg.edu.br

Nathalia Emanuele Oliveira (IFMG Ouro Preto)
nathalia.emanuele@hotmail.com

Thaís Ellen Romualdo de Oliveira (IFMG Ouro Preto)
thaisellen1999@gmail.com

RESUMO

Cada um de nós carrega dentro de si suas vivências, impressões, acompanhadas de suas aprendizagens. O que a memória grava, recalca, exclui, lembra é o resultado de um trabalho de organização, pois nossa memória é seletiva ao considerar o que é significativo ou não, e a seletividade resulta da relação entre o espaço e o tempo em que vivenciamos e que verbalizamos em nossas histórias. A história de cada um de nós contém a história de tempos, espaços, grupos aos quais pertencemos e das pessoas com as quais nos relacionamos. Nossas narrativas, que ouvimos e contamos, têm um papel intrínseco na humanidade e contribuem com a construção de culturas e reconstrução de identidades (GOMES Jr., 2020). As narrativas são dinâmicas, pois em reciprocidade, lançam a vida para dentro da própria história e isso alarga o campo de ação, além de trazer história para dentro da comunidade e extrair a história de dentro da comunidade (BUENO *et al.*, 2006). Esta investigação tem como epicentro as pessoas, suas histórias, vivências, impressões, acompanhadas de suas aprendizagens do / no *locus* do trabalho. A metodologia de coleta e análise de narrativas possibilita-nos observar, pela linguagem, algumas dimensões do mundo do trabalho em que os entrevistados vivem e como os sentidos são construídos por eles em relação a sua vida e a sua profissão. Além disso, nessa pesquisa, a sistematização da memória institucional, é vista como uma ferramenta de comunicação, de fortalecimento da marca e de potencial para o aprimoramento do relacionamento das instituições com seus públicos e com a sociedade (OLIVEIRA, 2019). Os dados deste estudo foram coletados por meio de uma entrevista semi-estruturada com uma servidora da área de Gestão de Pessoas e os resultados apontam para uma resignificação dos papéis desempenhados e atribuídos ao mundo do trabalho no contexto escolar e tornam explícitas as percepções sobre o processo de constituição dos Institutos Federais e da Educação Profissional.

Palavras-chave:

Memória. Narrativas. Análise textual.

ABSTRACT

Each of us carries within himself his experiences, impressions, accompanied by his learning. What memory records, represses, excludes, remembers is the result of a work of organization, because our memory is selective when considering what is significant or not, and selectivity results from the relationship between space and time

in which we experience and that we verbalize in our stories. The history of each of us contains the history of times, spaces, groups to which we belong and the people with whom we relate. Our narratives, which we hear and tell, have an intrinsic role in humanity and contribute to the construction of cultures and the reconstruction of identities (GOMES Jr., 2020). Narratives are dynamic, because in reciprocity, they throw life into the story itself and this broadens the field of action, in addition to bringing history into the community and extracting the story from within the community (BUENO *et al.*, 2006). This investigation has as its epicenter people, their stories, experiences, impressions, accompanied by their learning from / in the *locus* of work. The methodology of collecting and analyzing narratives allows us to observe, through language, some dimensions of the world of work in which the interviewees live and how the meanings are constructed by them in relation to their life and their profession. In addition, in this research, the systematization of institutional memory is seen as a tool for communication, brand strengthening and potential for improving the relationship of institutions with their audiences and with society (OLIVEIRA, 2019). The data of this study were collected through a semi-structured interview with a servant of the People Management area and the results point to a resignification of the roles played and attributed to the world of work in the school context and make the perceptions about the process explicit. constitution of the Federal Institutes and The Professional Education.

Keywords:

Memory. Narratives. Textual Analysis.

1. Introdução

O homem com sua racionalidade e criatividade estabelece uma relação com o trabalho que vai além de ser fonte de valor, mas que abarca seu caráter ativo, sócio-histórico-cultural e metafórico do ser, trabalhar e existir. Historicamente, a concepção de trabalho mudou com as transformações diversas advindas da globalização e essas modificações trouxeram ao debate o princípio educativo do trabalho como fonte de nossas narrativas e como fator fundante da humanidade (Cf. PERES, 2011; SANTOS, 2012).

A origem da palavra trabalho, segundo Peres (2011), vem do latim vulgar “tripalium”, que era um instrumento formado por três paus aguçados, com o qual os agricultores batiam o trigo, as espigas de milho, o linho, para rasgá-los, enfiá-los, etc. Esse conceito dos primeiros tempos do cristianismo, segundo Ribeiro e Léda (2004, p. 76) nos informam que o trabalho tinha um caráter negativo, associado ao fardo e ao sacrifício. Ele representava o “castigo divino, punição, fardo, incômodo, carga, algo esgotante para quem o realiza”. Em outros tempos, a partir do Renascimento, o trabalho passa a ser entendido como fonte de identidade, auto-realização espaço de criação, crescimento pessoal, e de possibilidade de o

homem construir a si mesmo e marcar sua existência no mundo, ou seja, como constituinte das representações e das identidades.

Nesse sentido, o trabalho é anterior à Educação, constituído historicamente por um processo de divisão das classes em que há parâmetros de Educação diferentes e que se constitui como categoria ontológica, que permite entender o que está por trás das relações trabalhistas, além do fenomênico. O trabalho é entendido como um instrumento transformador das relações sociais e da sua autorrelação e autorregulação enquanto espécie, como ser genérico (Cf. SANTOS, 2012).

Se por um lado, a história do homem é a história do desenvolvimento crescente de suas possibilidades de trabalho, ela é ao mesmo tempo de uma crescente alienação. Para Marx (1988), o trabalho é que nos humaniza, pois ele conciliado à Educação se constitui como um processo cíclico e desenvolvimental, uma vez que sem o trabalho nossa espécie tende a desaparecer. Temos a limitação no enfrentamento da natureza, mas avançamos na interferência e na transformação dos meios naturais. Desta forma, para Peres (2011), o trabalho é a aplicação da energia do homem para o bem da humanidade, pois no trabalho, o homem é capaz de se qualificar e modificar a própria natureza, colocando-a a serviço de todos nós. No entanto, historicamente, com a divisão social do trabalho, com a criação de novas formas sociais, áreas e culturas sociais sofreram também uma desumanização no processo de relação com o trabalho, com a qualificação para o trabalho gerando alienação, discriminação, exclusão, exploração, etc.

Para Segnini (2000), a qualificação para o trabalho é uma relação social (de classe, de gênero, de etnia, geracional), que vai muito além da escolaridade ou da formação profissional. Para a autora, essa relação se estabelece nos processos produtivos, no interior de uma sociedade regida pelo valor de troca e fortemente marcada por valores culturais que possibilitam a formação de preconceitos e desigualdades. Segnini (2000) afirma que os conhecimentos construídos pelo trabalhador através de diferentes processos interativos e instituições sociais, tais como: a família, a escola, a empresa, etc. somados às suas habilidades, são também aprendidos socialmente e acrescidos de suas características pessoais, de sua subjetividade, de sua visão de mundo, e constituem um conjunto de saberes e habilidades.

Dessa forma, entendemos que aprendemos no coletivo para organizar a produção da existência (manutenção) e desta forma se constitui o

princípio educativo do trabalho. A escola, enquanto forma social é o espaço onde a Educação, entendida como um conceito amplo, possibilita o desenvolvimento de políticas e ações concretas que rompem definitivamente com o quadro de desigualdade social e econômica (Cf. SEGNINI, 2000).

Historicamente, a escola tem sido considerada um espaço formal de Educação, que visa possibilitar o acesso aos conhecimentos produzidos e organizados cientificamente e compartilhados ao longo do tempo (Cf. VIGOTSKY, 1998). Mas para, além disso, a escola é o lugar onde o sujeito se constitui, em termos sociais, físicos, emocionais e culturais. E se formos adentrar ao mundo dos que atuam no contexto escolar, além da constituição identitária, representações subjetivas do mundo e memórias são construídas. Essas memórias são constituídas na enunciação, e podem ser de natureza pedagógica, relacional positiva ou negativa, mítica, lúdica, socializadora e de transformador (Cf. AQUINO; ALBUQUERQUE, 2014). E nesse sentido, a preservação da memória daqueles que atuam na escola é um dos aspectos fundamentais da nossa sociedade. A memória daqueles que trabalham agrega valor, ajuda a ter sentimento de pertença e afeição aos espaços e pessoas que nos são caras e gera, por conseguinte, a ideia de tradição, importante na consolidação de uma dada instituição e de uma dada ideia (Cf. OLIVEIRA, 2019). Para o autor, a preservação da memória gera sentimento de pertença a um grupo, uma comunidade, e leva a que se adotem posturas e medidas que objetivam sua preservação e perpetuação para as gerações seguintes.

Diante do exposto, este estudo propõe uma interface entre as áreas de Educação e Linguística, para o entendimento das narrativas orais e/ou escritas de servidores de setores diversos, principalmente aqueles que estão nos bastidores do funcionamento da escola. A compreensão desses textos permite a tomada de consciência da trajetória histórica dessas pessoas enquanto indivíduos que se constituíram na coletividade institucional, das conquistas, dos desafios, das contradições e desigualdades na escola, sobretudo através do conhecimento do outro. Para este artigo, analisamos as narrativas construídas por uma das personagens que estiveram envolvidas no processo histórico a partir do qual o Instituto Federal foi instituído, na tentativa de dar-lhe sentido, de modo a contribuir para a consolidação de um sentimento de unidade e pertencimento que é fundamental para o crescimento e longevidade das instituições.

2. Fundamentação teórica

Este trabalho tem como base teórica os princípios educativos do trabalho e o papel da memória institucional na constituição da identidade do trabalhador. A seguir, serão percorridas algumas considerações envolvidas nessa base.

2.1. Sobre o Princípio educativo do trabalho

Há uma relação entre os processos educacionais e os processos produtivos. Esse princípio educativo do trabalho se dá na medida em que as transformações no mundo do trabalho fazem aumentar a presença da maquinaria em detrimento do trabalho humano (Cf. SANTOS, 2012). Num primeiro sentido, o trabalho é princípio educativo na medida em que determina pelo grau de desenvolvimento social atingido historicamente, o modo de ser da Educação em seu conjunto. Nesse sentido, aos modos de produção correspondem modos distintos de educar com uma correspondente forma dominante de Educação (Cf. FRIGOTTO; CIAVATTA; RAMOS, 2005, p. 31).

E num segundo sentido, o trabalho é princípio educativo na medida em que coloca exigências específicas que o processo educativo deve preencher, em vista da participação direta dos membros da sociedade no trabalho socialmente produtivo (Cf. FRIGOTTO; CIAVATTA; RAMOS, 2005). Finalmente, o trabalho é princípio educativo à medida que determina a educação como modalidade específica e diferenciada de trabalho: o trabalho pedagógico (Cf. FRIGOTTO; CIAVATTA; RAMOS, 2005).

Para Santos (2012), uma das vias do princípio pedagógico do trabalho é dada pela própria interface do trabalhador com seu objeto de trabalho, que elucida que o trabalhador mobiliza saberes todo o tempo e não de forma residual respondendo as lacunas do trabalho prescrito. Dessa forma, uma educação sincronizada com os interesses dos trabalhadores pode se constituir pelo e no trabalho, e, portanto, uma via que confronta o saberes investidos com implicações sociais, políticas e econômicas para ultrapassar o que Frigotto, Ciavatta e Ramos (2005) denunciam como cidadão mínimo.

A Educação deve, nas palavras de Santos (2012), oferecer a apropriação da produção artística, cultural, científica e tecnológica do seu tempo. “(...) a filosofia da práxis não busca manter os simplórios na sua filosofia primitiva do senso comum, mas busca ao contrário, conduzi-los

a uma concepção de vida superior” (SANTOS, 2012, p. 18).

2.2. Sobre a memória

Esta investigação aqui apresentada assume, no primeiro plano, a ideia de que o estudo das narrativas sobre o passado, no que diz respeito aos marcos temporais e as estruturas de pesquisa, é resultado de uma escolha (Cf. OLIVEIRA, 2019). Conforme Le Goff, estas escolhas acontecem seja “pelas forças que operam no desenvolvimento temporal do mundo e das Humanidades”, ou por aqueles que se dedicam ao estudo do passado. Esta fala, de acordo com Oliveira (2019) nos sugere que o conhecimento dessas narrativas ou as histórias de vida, são subjetivas, pois aquilo que se desprende do passado é fruto de escolhas do narrador (Cf. LE GOFF, 1996).

O trabalho proposto se insere no campo da análise do passado por meio das narrativas, do que resulta termos a oportunidade de entender o processo de criação dos institutos federais, de entender nuances da educação profissional e das relações estabelecidas pelos profissionais com os mundos do trabalho. Nestes termos, iremos nos valer dos conhecimentos das narrativas orais e escritas como fontes de pesquisa. A narrativa oral, em face à literatura pertinente ao tema, está na confluência de ser vista como uma técnica, uma disciplina e uma metodologia (Cf. FERREIRA, 2011). Para Marieta Ferreira, a narrativa oral tem papel fundamental no seu trato enquanto metodologia, pois estabelece e ordena procedimentos de trabalho - tais como os diversos tipos de entrevistas e as implicações de cada um deles para a pesquisa, as várias possibilidades de transcrição e depoimentos, suas vantagens e desvantagens, as diferentes maneiras de o historiador relacionar-se com seus entrevistados e as influências disso sobre o seu trabalho – funcionando como ponto entre teoria e prática (Cf. FERREIRA, 2011).

Assim, o conjunto dos depoimentos levantados e analisados são encarados como textos narrativos, como acontecimentos discursivos e como tal passam pelo processo de discussão teórico-metodológico da Educação e da Linguística de forma interdisciplinar. Mesmo considerando a singularidade do depoimento, ele não deixa de passar pela crítica documental. Isso porque a construção do depoimento é um processo subjetivo, que se liga a construção de uma memória sobre um lugar ou evento, do que pode resultar, mesmo que subjetivamente, um jugo de luz e sombra na exposição de determinados temas.

3. Percurso metodológico

Este estudo se constitui em uma pesquisa narrativa com análises qualitativas de base discursiva. Ele foi desenvolvido em um instituto federal da região Sudeste com a participação de uma servidora técnico-administrativo do setor de gestão de pessoas (Flora), duas bolsistas da modalidade PIBIC e a pesquisadora. A seguir, serão explicitadas as características da natureza desta pesquisa, os instrumentos de geração de dados, bem como os critérios de análise.

3.1. Pesquisa Narrativa

A pesquisa narrativa deve ser entendida como uma forma de compreender a experiência humana (Cf. SAHAGOFF, 2015, p. 1). Segundo Clandinin e Connelly (2011), trata-se de um estudo de histórias vividas e contadas, pois tornam explícitos processos dinâmicos de viver e contar histórias, se reviver e de recontar histórias (Cf. CLANDININ; CONNELLY, 2011, p. 18). Para os autores, nesse tipo de pesquisa, os relatos são entendidos como formas e modos de vida que servem para interligar o processo de educação e de vivência:

As pessoas vivem histórias e no contar dessas histórias se reafirmam. Modificam-se e criam novas histórias. As histórias vividas e contadas educam a nós mesmos e aos outros, incluindo os jovens e os recém-pesquisadores em suas comunidades. (CLANDININ; CONNELLY, 2011, p. 27)

De acordo com Sahagoff (2015), as pesquisas narrativas tratam de conceitos, tais como os relatos de experiência, a interação entre o pessoal e o social, a relação entre tempo e espaço, a subjetividade dos indivíduos, que estão sempre em interação e sempre inseridas em um contexto social (Cf. SAHAGOFF, 2015). Para a autora, esse conjunto de termos forma um espaço tridimensional para a investigação narrativa.

Este estudo tem como epicentro as narrativas de trabalhadores sobre seu local de atuação, sobre as condições pessoais apresentadas por meio dos sentimentos, emoções verbalizadas, metáforas, desejos, reações, estéticas e disposição moral. A investigação se justifica, pois as condições sociais, atitudinais e emocionais dos participantes podem desvendar um processo de visibilidade e/ou invisibilidade que toca nas condições existenciais, e que podem exercer forças subjacentes e afetar as pessoas e os espaços de atuação do contexto dos indivíduos. Por

meio das análises das narrativas, segundo Sahagoff (2015), a experiência pode se desenvolver a partir de outras experiências e essas experiências podem levar a outras experiências, pois “a experiência acontece narrativamente” (SAHAGOFF, 2015, p. 4).

3.2. Pesquisa qualitativa

Esta pesquisa é qualitativa e são utilizados recursos para compreender as percepções e relações pessoais. Segundo Bogdan e Biklen (1994), as análises qualitativas são descritivas, feitas de forma indutiva, têm foco no processo e no significado, com coleta de dados em ambiente natural. Os investigadores levam em consideração o contexto em que os participantes estão inseridos e suas características pessoais. Uma vantagem na utilização de análises qualitativas é a sua característica orgânica, como demonstrado por Nunan (1992, p. 80), pois, há interação entre perguntas/hipóteses e a coleta/interpretação dos dados. Davis (1995), corrobora com Nunan (1992) e acrescenta que a partir desse processo cíclico de coleta de dados e análise, o estudo pode mudar de direção em termos das questões que estão sendo levantadas e das perspectivas teóricas trazidas para o estudo.

A escolha pela análise qualitativa e interpretativa neste estudo foi motivada pelo fato de este tipo de pesquisa buscar variações nas relações entre as formas de comportamento. Os significados construídos pelo grupo e a intenção acompanham os participantes no momento em que tratam de suas questões mais pessoais no que tange ao seu lugar no trabalho. Bogdan e Biklen (1994), afirmam que, no estudo qualitativo, privilegia-se a compreensão dos comportamentos a partir da perspectiva dos participantes. E segundo Erickson (1986), o trabalho do pesquisador, neste tipo de pesquisa, é o de combinar uma análise bem detalhada e bem próxima do comportamento e do significado da interação social do dia a dia com uma análise do contexto social mais amplo.

3.3. Instrumentos de geração de dados: entrevistas

Nesta pesquisa foram utilizadas entrevistas semiestruturadas em formato digital com o uso da plataforma *Google Meet*. Os participantes foram gravados em áudio e vídeo para discutirem suas experiências na instituição e tiveram a oportunidade de se posicionarem em relação ao seu papel na instituição.

Esses relatos em primeira pessoa da experiência de vida profissional foram documentados e analisados através de padrões discursivos recorrentes ou eventos salientes analisados de forma interpretativa. O momento introspectivo para reflexão e criação das narrativas orais foram construídos com base em perguntas abertas lidas com certa antecedência para que o participante pudesse pensar, refletir e expressar suas ideias, sentimentos, motivos, razões, processos e estados mentais em relação ao fazer laboral.

3.4. Metodologia de análise: acontecimentos discursivos

O trabalho de análise das histórias coletadas parte da seleção de recortes considerados como acontecimentos discursivos que, para serem compreendidos, requerem que se descrevam as suas condições de produção, que incluem o contexto histórico, os interlocutores, o lugar de onde falam, a imagem que fazem de si, do outro e do referente. Portanto, aquilo que passaremos a designar como acontecimento discursivo significativo. Nesse sentido o

[...] discurso narrativo aparece como lugar privilegiado para elaboração da experiência pessoal, para a transformação do real em realidade, por meio de mecanismos linguísticos discursivos, e também para a inserção da subjetividade (entendida aqui, do ponto de vista discursivo), como um lugar que o sujeito pode ocupar para falar de si próprio, de suas experiências, conhecimento do mundo, ou, mais sucintamente, entendida com a forma pela qual o sujeito organiza sua simbolização particular. (TFOUNI, 2005, p. 73-4)

Para Pêcheux (2006), o acontecimento discursivo se situa no ponto de encontro de uma atualidade e uma memória e transita entre estrutura e acontecimento, para explicar a impossibilidade de completude compreensão dos enunciados, e que ocorre em meio a rupturas que o transformam a cada novo momento marcante da história ou da enunciação. No uso discursivo, segundo Mendes *et al.* (2020), a possibilidade de se repetir e re-significar um enunciado se deve a sua existência numa estrutura vertical, ou seja, numa estrutura que pode ser a formação discursiva que afeta o sujeito ou o interdiscurso. Num nível horizontal, há a estrutura do intradiscurso, que é a prática discursiva do sujeito, sua formulação imediata, é o ato de enunciar no presente.

Desta forma, enquanto a estrutura vertical garante a existência anterior do enunciado, a estrutura horizontal garante sua atualização, pois dá conta da formulação do enunciado na prática discursiva. Para os

autores, a fala de um sujeito do discurso se dá justamente neste ponto de encontro entre estrutura vertical e estrutura horizontal, entre interdiscurso e intradiscursos. O intradiscursos se refere à formulação, às palavras em si, ou seja, à estrutura do discurso. Já o interdiscurso é a constituição do sentido do discurso (Cf. MENDES *et al.*, 2020). Este ponto é o onde a memória e a atualidade se encontram, portanto, é o local do acontecimento. É ali onde o enunciado é repetido, atualizado, rememorado ou re-significado.

Pêcheux (2006) coloca o acontecimento discursivo como ruptura da memória que seria eternizada através do interdiscurso, da estrutura vertical. Ele nasce, segundo o autor, do choque da atualidade com a memória que não produz repetição, mas sim re-significação. Além disso, o acontecimento discursivo pode provocar uma nova possibilidade para o enunciado produzir outros significados, entretanto, ele não apaga os significados anteriores. Ele instaura uma relação tensa com a memória que tenta adequá-lo na ordem da repetibilidade e com o discurso novo, que precisa re-significá-lo. A seguir serão apresentados alguns gestos de interpretação das narrativas da servidora participante.

4. Gestos de interpretação

Os resultados a seguir trazem recortes de uma entrevista semiestruturada feita no ano de 2021, por meio da plataforma *Google Meet*, com uma servidora técnica administrativa que atua no setor de Gestão de Pessoas em um Instituto Federal no estado de Minas Gerais. Ela escolheu ser chamada de Flora na entrevista que foi conduzida por uma das bolsistas da modalidade PIBIC. Os dados apresentados pela narrativa de Flora demonstram, por meio de suas histórias, que ela afirma, modifica, cria novas histórias e re-significa os papéis desempenhados e atribuídos aos seus mundos do trabalho no contexto investigado. Os excertos retirados da narrativa construída pela servidora trazem “sua presença, suas atividades, seus gostos e suas maneiras de agir e de ser” em seu ambiente laboral e trazem traços de sua relação com as pessoas (Cf. LE GOFF, 1990). Para melhor apresentar os resultados, organizamos os trechos em unidades de contexto que foram nomeados de acordo com os conteúdos dos acontecimentos discursivos.

4.1. Do fardo a auto-realização

A participante atua no setor de Gestão de Pessoas, se define como uma mulher, na casa dos cinquenta anos com mais de trinta anos de trabalho na instituição e que se prepara para o processo de aposentadoria.

Excerto 1:

Paula: Há quanto tempo que você trabalha no IFMG e qual é a função que você exerce hoje o Instituto Federal?

Flora: Então eu comecei a trabalhar na antiga Escola Técnica, **em dezembro de 1991, há muitos anos atrás** e hoje eu trabalho na Gestão de Pessoas, no setor de gestão de pessoas e gerencio /coordeno o setor de Gestão de Pessoas.

Paula: Flora, quando você entrou ainda era Escola Técnica?

Flora: Escola Técnica, isso foi em 1991, era Escola Técnica, porque passou para CEFET em 2002.

Paula: Você passou por **Escola Técnica. CEFET e o Instituto, né?**

Flora: Isso, passei pelo três períodos.

Flora aponta o espaço de trabalho em que atua há mais de trinta anos, que marca as diferentes configurações da Educação Profissional: Escola Técnica, CEFET e Instituto Federal, como um lugar de desenvolvimento e evolução. Os enunciados de Flora sobre o trabalho são atravessados por experiências pessoais e profissionais anteriores, que apontam para uma retrospectiva e um conflito entre a função do labor com caráter negativo de sobrecarga, fardo e esgotamento e consecutivamente com experiências positivas que contribuíram para a reconstrução identitária, a auto-realização pessoal e profissional (Cf. RIBEIRO; LEDÁ, 2004). Além disso, o discurso é marcado pela ação, pela flexibilidade e pela “aptidão de mudar de posto de trabalho para aprender e para controlar diversos segmentos dos processos produtivos” (BENKO, 1999, p. 235), como nos mostra o excerto 2:

Excerto 2

Paula: Conte-nos sua história

Flora: Então, na verdade eu era servidora efetiva no Estado, **dava aula para o Estado**, só que eu tinha dois cargos na época e o Estado **você ter dois cargos efetivos no Estado é um desgaste muito grande, porque você fica o tempo todo por conta de lecionar**. E aí, fiquei sabendo de um concurso que teria na escola técnica e eu já estava com casamento marcado para maio de 1992, como aquilo, **os dois cargos estavam me tomando muito tempo** e aí eu pensei em fazer esse concurso, aí eu fiz o concurso na antiga Escola Técnica, passei e me exonerei de um cargo no Estado e continuei o outro, aí depois eu vi que **estava muito apertado** e exonerei também o outro cargo também e continuei

só na escola, porque nessa época também, antes de passar no concurso da Escola Técnica, eu trabalhava em uma pousada chamada Pousada do Mondego, tem até hoje em Ouro Preto, na pracinha de pedra a sabão, e eu trabalhava como coordenadora do setor de contábil. Então assim, **eu trabalhava o dia inteiro, trabalhava de manhã, de tarde e de noite**. Eu era solteira na época, **então era minha vida e eu**. Então trabalhava o dia inteiro, e realmente **aquilo estava me desgastando muito**, então de início, fiquei na Escola Técnica, **fui desfazendo, primeiro exonerei de um cargo, depois exonerei de outro e depois pedi demissão da pousada do Mondego** e aí fiquei realmente só na escola técnica e com as coisas que gosto de fazer que é meu artesanato que faço a vida toda.

Paula: E você faz de artesanato também, não é?

Flora: eu tenho uma linha de banho natural, chamada Aroma e Sabor, faço essências aromáticas, sabonete de glicerina natural, sabonete líquido e sais de banho, **eu gosto bem de fazer isso é um momento de relaxamento**, nesta época de pandemia tá meio que parado, mas como **eu estava pensando em me aposentar** e depois da administração, eu já ia me aposentar, mas o diretor me pediu para trabalhar por mais quatro anos, aí **desisti de quatro anos da minha aposentadoria**, mas eu até construí o ateliê pra mim, tá prontinho, só falta fechar, colocar o fechamento da suíte, **ficou lindo**, aí agora eu vou aposentar daqui um tempo e ficar só no meu ateliê mesmo.

O enunciado “você ter dois cargos efetivos no Estado é um desgaste muito grande, porque você fica o tempo todo por conta de lecionar” parece nos informar que atuar nessa instituição como docente e em dois cargos representava uma experiência esgotante e de exaustão que lhe causava uma forma de frustração. Ele nos remete há um tempo no passado em que o labor é descrito como algo que ela não desejava fazer e que não havia um sentimento de satisfação ou prazer. A servidora nos informa que o artesanato atravessa toda a sua trajetória pessoal e profissional como o labor que lhe dá prazer e satisfação, conforme nos mostra o recorte discursivo “eu gosto bem de fazer isso é um momento de relaxamento”. Além disso, sua narrativa nesse excerto marca uma divisória temporal e espacial do antes e o depois do concurso em 1991; o antes e o depois do casamento em 1992. Por ser solteira, ela nos informa que se sentia disponível a trabalhar de manhã, de tarde e à noite sem se preocupar com outras atividades, “então era minha vida e eu”. Vida nesse sentido é sinônimo de trabalho. Mas, ela deixa clara sua insatisfação com o cansaço e esgotamento naquela fase. A partir do concurso, como veremos em outros enunciados, trabalhar após o concurso como servidora Federal lhe trouxe muita satisfação e auto-realização pessoal e profissional.

O terceiro excerto detalha mais sobre a trajetória da servidora

nos três períodos da instituição, na forma como ela lida com seu aprimoramento e sua flexibilidade em assumir postos diversos.

Excerto 3

Flora: Olha, na verdade quando eu entrei, eu **entrei na telefonia**, para trabalhar como **telefonista** e logo depois que eu entrei **teve um curso na escola sobre relações humanas**, isso tem muitos anos, foi em 1993 e aí nesse curso de relações humanas as pessoas tinham momento que falavam sobre suas expectativas, do que elas queriam e eu me manifestei nesse curso e tudo, voltei a trabalhar normalmente só que a coordenadora do curso, professora do curso, foi assim uma coisa muito interessante, **ela gostou da minha fala e aí ela comentou da minha fala, para na época com o diretor de gestão de pessoas, que na época era diretoria. Ela comentou da minha fala e na semana seguinte eles me tiraram do setor de telefonia e eu passei a exercer a função de Secretária do conselho superior e passei a trabalhar no setor de gestão de pessoas, aí eles me levaram para lá.** (pausa) E aí depois disso né, as administrações vão alterando, aí eu **já trabalhei em praticamente todos os lugares da escola, eu trabalhei na gestão de pessoas por muitos anos, trabalhei na Diretoria de Ensino, trabalhei na Diretoria de Administração, já trabalhei no setor de Tecnologia da Informação** há muitos anos atrás a gente publicava nas páginas da escola, **trabalhei na Comunicação Social**, trabalhei em quase todos os setores, **trabalhei na DIPE**, então assim eu trabalhei em quase todos os setores da escola, **mas eu sempre rodo e volto para o setor de Gestão de Pessoas.**

Esse excerto nos remete a fala Aristotélica sobre o prazer no trabalho que aperfeiçoa a obra. Nele, para Flora, o trabalho na instituição nos três períodos (Escola Técnica, CEFET e IF) está atrelado à obtenção e transmissão de conhecimentos, aperfeiçoamento e no exercício contínuo das virtudes, onde a sabedoria é a maior delas. Ela relata buscar a perfeição no que se faz com prazer, capacita-se para melhorar a cada dia, no trabalho e nas relações sociais estabelecidas naquele local.

4.2. Gestão de Pessoas: acolhimento

Flora nos informa que já trabalhou em quase todos os setores da escola, que aprendeu muito nesses contextos e explica porque se identifica com a Gestão de Pessoas. Essa identificação passa pelo afeto e pela relação de cuidado que estabelece com os outros nesse local, conforme mostra o excerto 4, a seguir.

Excerto 4

Flora: O que eu mais me identifico na gestão de pessoas eu acho que é **o convívio**, sabe? Com **as pessoas e poder ajudar solucionar os problemas delas**. (...) **As pessoas vão lá desabafam contam os problemas delas e pedem ajuda para resolver problemas, sabe?** É um setor bem peculiar e muitas vezes a gente não tem a capacidade de dar instrução para resolver aquele problema da pessoa, para conversar, direcionar. (...) **então a gente faz isso do jeito que pode, da melhor forma possível, mas tem a instrução necessária para isso, mas eu gosto muito da gestão de pessoas, adoro é o setor que mais gosto que tem aqui na escola**. Ainda bem que é o setor que mais gosto, mas eu vou dizer para vocês todos os outros setores que participei não foi perdido, então assim quando trabalhei na Diretoria de Pesquisa, Como que a gente aprende na DIPE, né? Nossa **a gente aprende muito, aprendi tanta coisa que achava que nem existia e é muito bom**. Então, eu acho que **todo lugar que você trabalhou é um aprendizado**, você só tem que acrescentar seu conhecimento e é sempre bom.

Esse enunciado de identificação se relaciona com o caráter pessoal e afetivo do trabalho na Gestão de Pessoas. Flora nos indica o papel do gestor de pessoas que, de acordo com Neves (2016), cria vínculos, através do processo de escuta, e que traz humanização aos serviços. Segundo a autora, a habilidade em se perceber os graus de vulnerabilidade da pessoa e a sensibilidade em direcionar a demanda, caso necessite, também fazem parte de uma efetiva resposta ao servidor que procura a Gestão de Pessoas, que, normalmente, chega a este “lugar” fragilizado. Flora reflete e se identifica sobre seu papel de atender essa demanda afetiva dos outros servidores. No entanto, o setor também apresenta desafios, como veremos a seguir.

4.3. Desafios: mudanças e conflitos

Flora menciona os desafios do setor de Gestão de pessoas e sua narrativa apresenta a resistência a mudanças por parte dos outros servidores e o conflito que vivencia em seguir a legislação e atender as demandas que lhe são apresentadas de forma acolhedora. No excerto 5 a seguir, ela narra o maior desafio:

Excerto 5

Flora: Eu acho que **os desafios são as mudanças, a grande maioria das pessoas não estão satisfeitas, não estão preparadas para as mudanças**, então qualquer mudança que você faz, geralmente ela é benéfica, né? Ela não é aceita no início, **você custa quebrar o paradigma porque você quer mostrar para as pessoas que aquela alteração que você está fazendo naquele momento é para o benefício e geralmente**

é ligada a área de tecnologia. (...) Por exemplo, as T.Is⁵⁷ agora, causaram uma grande resistência. E assim as Tis, elas facilitam muito a vida da gente, porque você tem acesso ao seu processo, de casa você consegue ver tudo que está acontecendo com o seu processo, você não precisa mais ir mais na GGP⁵⁸ e pedir a pastinha do seu processo. E, no entanto, apesar dessa facilidade **o povo teve resistência.** Eu acho que tudo que é ligado à tecnologia e a mudança é um desafio para a gente superar isso.

Excerto 6

(...) E você solucionar os problemas da melhor forma possível, que os servidores entendam que aquilo que você está fazendo, que você não tá pretendendo prejudicar ele, que é a melhor forma de fazer e que às vezes você até prejudica o outro servidor, mas você tem uma legislação a seguir. Assim, justiça e legislação não andam juntas, que às vezes é uma coisa muito injusta, mas é legal. E você tem que seguir aquilo que é legal, porque seu CPF tá ali, porque a CGU está ali, então você tem que seguir a legislação mesmo que aquilo não beneficie o servidor.

No excerto 5, Flora nos apresenta o desafio em mostrar para o servidor que mudanças e quebra de paradigmas são necessários e que as mudanças não passam somente no nível individual, e sim em prol da coletividade. Ela nos apresenta uma prática que valoriza os vínculos construídos no afeto e as soluções permeiam o cuidado coletivo, pela cooperação e pelo diálogo. O acolhimento da Gestão de Pessoas, para Flora, no nosso entendimento, “não é um espaço ou um local”, mas posturas éticas que ela assume para a solução dos problemas por meio do “compartilhamento de saberes, angústias e invenções, tomando para si a responsabilidade de abrigar e agasalhar outrem em suas demandas” (Neves, 2016, p. 56-8). E esse desafio gera um conflito subjetivo, mostrado no excerto 6, em que Flora quer atender as demandas dos servidores de forma ética e acolhedora, mas ao mesmo tempo responsável por ter que seguir uma legislação que nem sempre é justa aos olhos dos servidores.

O encerramento da narrativa de Flora é marcado pelo sentimento de dever cumprido, zelo pelo trabalho e desejo de aprendizado. Ela relata aspectos positivos em toda sua trajetória profissional no Instituto Federal que é atravessado por desafios, como mostra o próximo trecho

⁵⁷ TI: Tecnologias da informação é um conjunto de todas as atividades e soluções providas por recursos de computação que visam a produção, o armazenamento, a transmissão, o acesso, a segurança e o uso das informações (FOINA, 2001).

⁵⁸ GGP: Gerência de Gestão de Pessoas.

da narrativa:

Excerto 7:

Flora: Meu sentimento, **é o de dever cumprido**, sabe? eu acho que me **dediquei bem, trabalhei bem** e poderia ter feito coisas **melhores**, que a gente nunca atinge **o máximo da gente**, poderia ter aprendido mais, né? Se eu tivesse passado por outros setores **ainda poderia ter aprendido mais** do que aprendi, mas para mim foi **muito bom**, eu não tenho o que reclamar, nesses três momentos de Escola Técnica, CEFET e IFMG, **assim a gente passou por muita coisa difícil**, mas para mim foi muito tranquilo, **vou me aposentar com muita tranquilidade**.

Os advérbios de modo e de intensidade estão presentes ao longo da narrativa demonstrando o gosto pelo trabalho que desempenhou no Instituto Federal que é descrito como o lugar de ‘muito’ aprendizado, o lugar do ‘bem’, do ‘mais’ e do ‘melhor’.

5. Considerações finais

Essa primeira análise da trajetória de trabalho de uma das servidoras da Instituição permitiu observar algumas dimensões dos mundos do trabalho e como os sentidos são construídos e re-significados por ela em relação a sua vida e a sua profissão. A produção de sentidos desencadeada pela reflexão sobre a trajetória de trabalho da servidora parece ter favorecido para a tomada de consciência e ampliação de seu poder de ação sobre sua realidade. Esse processo pôde ser percebido por meio das conexões tecidas entre as atividades de trabalho e na apropriação e internalização das experiências vividas dentro de um contexto histórico-cultural. Além disso, este estudo valida a riqueza da pesquisa narrativa que proporciona aos participantes um contato com sua subjetividade e a reflexão sobre a atividade laboral num viés que considera questões de ética e de alteridade. Igualmente, a pesquisa narrativa se apresenta como um desafio ao pesquisador, aquele de estar conectado ao processo, envolvendo a ação de ouvir, respeitar e tecer gestos de interpretação das falas dos participantes, levando em consideração toda singularidade abarcada em cada história.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AQUINO, Fabíola de Sousa Braz; ALBUQUERQUE, Jéssica Andrade. O que pensam as crianças sobre a escola? Uma análise de relatos e desenhos infantis. In: GUZZO, R.S.L. (Org.), *Psicologia escolar: Desafios e*

bastidores na Educação Pública. Campinas: Alínea, 2014. p. 55-83

BENKO, Georges. *Economia, espaço e globalização na aurora do século XXI*. São Paulo: Hucitec, 1999.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. *Investigação Qualitativa em Educação*. Uma introdução à teoria e aos métodos. Trad. de M. J. Alvarez, S. B Santos, T. M. Baptista. Portugal: Porto, 1994.

BUENO, Belmira Oliveira, CHAMLIAM, Helena Coharik; SOUSA, Cintia Pereira de, CATANI, Denice Barbara. Histórias de vida e autobiografias na formação de professores e profissão docente (Brasil, 1985-2003). *Educação e Pesquisa*. São Paulo, v. 32, n. 2, p. 385-410, 2006.

CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. *Pesquisa narrativa: experiência e história em pesquisa qualitativa*. Trad. do Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEI/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2011. 250p.

DAVIS, Kathrin. A. Qualitative Theory and Methods in Applied Linguistics Research. *Tesol Quartely*, v. 9, n. 3, Autumn, p. 427-53, 1995.

ERICKSON, Frederick. Qualitative Methods in Research on Teaching. In: M. C. Witrock. (Eds). *Handbook of Research on Teaching*. New York: MacMillan Publishing Company, 1986. p. 119-61

FERREIRA, Marieta de Moraes. História oral: velhas questões, novos desafios. In: CARDOSO, C.F., VAINFAS, R. *Novos domínios da história*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria; RAMOS, Marise (Orgs) *Ensino médio integrado: concepção e contradições*. São Paulo: Cortez, 2005.

FOINA, Paulo Rogério. *Tecnologia de informação: planejamento e gestão* / Paulo Rogério Foina. São Paulo: Atlas, 2001.

GOMES JUNIOR, Ronaldo Corrêa. *Pesquisa narrativa: histórias sobre ensinar e aprender línguas* (Org.). São Paulo: Pimenta Cultural, 2020. 243p.

LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In: LE GOFF, J. (Org.). *História e Memória*. Campinas: Unicamp, 1996.

MARX, Karl. *O Capital: crítica da economia política*. São Paulo: Nova Cultural, 1988. Livro I. Tomo I. (Coleção Os Economistas)

MENDES, Conrado Moreira; SOUZA, Jocyare; SILVA, Sueli Maria Ramos da. A noção de acontecimento à luz da Análise do Discurso, da Semântica do Acontecimento e da Semiótica Tensiva. *Linguagem em (Dis)curso – LemD*, v. 20, n. 1, p. 179-95, Tubarão-SC, jan./abr. 2020.

NEVES, Gisele Baeta. *Qualidade de vida no trabalho e o acolhimento como intervenção*. Dissertação (Mestrado em Docência e Gestão em Educação) – Programa de especialização em Administração Escolar, Universidade Fernando Pessoa, Porto, Portugal, 2016. 120p.

NUNAN, David. *Research Methods in Language Teaching*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.

OLIVEIRA, Pablo Menezes e. *Projeto submetido a Pró Reitoria de Extensão do IFMG para a construção do centro de memória institucional*, 2019. (Trabalho não publicado)

PERES, Angelo. *O homem, o trabalho e o mundo do trabalho*. Administradores.com. Julho de 2011. Disponível em: <https://administradores.com.br/artigos/o-homem-o-trabalho-e-o-mundo-do-trabalho>. Acesso em: 28/04/2019.

PÊCHEUX, Michel. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Trad. De Eni Puccinelli Orlandi. 4. ed. Campinas-SP: Pontes, 2006. p. 17

RIBEIRO, Carla Vaz dos Santos; LÉDA, Denise Bessa. O significado do trabalho em repouso de reestruturação produtiva. *Estudos e pesquisas em psicologia*, v. 4, n. 2, p. 76-83. Rio de Janeiro: dez. 2004. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812004000300006#. Acesso em: 28/03/2022.

SAHAGOFF, Ana Paula. Pesquisa narrativa: uma metodologia: para compreender a experiência humana. In: XI Semana de Extensão, Pesquisa e Pós-Graduação – SEPesq. Centro Universitário Ritter dos Reis. *Anais...*, 19 a 23 de outubro de 2015.

SANTOS, Geraldo Marcio Alves. Pedagogia do trabalho e inteligência operária: contribuições na perspectiva da produção associada. *Revista Trabalho Necessário*, v. 10, n. 15, 2012, p. 1-24. Disponível em: <https://doi.org/10.22409/tn.10i15.p6863>.

SEGNINI, Liliana Rolfsen Petrilli. *Educação e Trabalho: uma relação tão necessária quanto insuficiente*. São Paulo *Perspec.*, v. 14, n. 2, São Paulo, 2000.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

TFOUNI, Leda Verdiani. *Letramento e alfabetização*. São Paulo: Cortez, 2005.

VIGOTSKY, Lev Semenovich. *A formação social da mente: O desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.